

Configurações gemelares: Tensões entre o semelhante, o diferente e o alheio

Susana Kuras Mauer

Resumo

Este ensaio se propõe, desde a psicanálise vincular, pensar os vínculos entre irmãos gêmeos. Partimos de um desenvolvimento teórico formulado no princípio da psicanálise: o Complexo do próximo.

A gemelaridade como ligamento horizontal entre pares coloca em jogo a problemática da semelhança ligada à identificação e a diferença ligada ao reconhecimento da incompletude e do alheio. Percorremos neste ensaio uma multiplicidade de modos de agenciamento gemelar. Tentamos enfatizar como os processos de subjetivação se controem na imanência do encontro com o outro.

Nesse “entre dois” que vai se armando no devir gemelar, encontramos tantos vínculos que se veem fortemente interferidos pelo fantasma de conviver com um duplo, como outras apresentações nas quais os processos de subjetivação não se veem obstacularizados.

Palavras-chave: Vínculo Fraternal; Gemelaridade; Complexo do Próximo; Subjetivação; Duplo

1. INTRODUÇÃO

*Je ne crois pas en la fraternité...
Mais je crois en la fraternisation.*

Jean B. Pontalis (2006)

O objetivo deste ensaio é descrever caracterizações e modalidades de vinculação entre irmãos gêmeos, tanto nas consultas psicoterapêuticas como na cultura, para chegar a uma melhor compreensão do fenômeno gemelar. Para isso nos propomos explorar, registrar e comparar as particularidades que apresenta esta condição e sua incidência nos processos de subjetivação.

A hipótese que apresentamos é que nesse “entre dois”, constituído no devir gemelar, encontramos tanto vínculos que reforçam a indiferenciação, perpetuando a busca de um duplo, quanto outros nos quais as potencialidades subjetivantes dão lugar a alteridade.

Existiriam então diversas variantes de agenciamento gemelar em virtude de como se opera a tensão entre o semelhante e o diferente. A subjetivação múltipla, nos casos de gêmeos não é sinônimo de um nós duplicado. Os processos de individuação coletivos se constroem na imanência do encontro com o outro.

É nesse “entre” vincular e nas tensões que aí surgem que focalizaremos nosso ensaio.

Parecidos, diferentes, idênticos. Comparamos de maneira permanente. O contraponto entre o que é semelhante e aquilo que é distinto nos entretém, nos seduz. Essa tensão entre o homogêneo e o heterogêneo tem como figura paradigmática a gemelaridade.

No imaginário coletivo, o idêntico captura nossa atenção. Desperta curiosidade. Atrai e produz fascinação. Os contos que mais gostava escutar quando era criança, eram as aventuras disparatadas que meu pai relatava de seus irmãos gêmeos. Paradoxalmente, quando a homogeneidade se impõe como verosímil também gera horror.

Nada mais angustiante do que não ser único. A partir do encontro inesperado com o idêntico, Freud explica aquilo que chama “o estranho”. Descrevendo-o como uma vivência de alteridade, capaz de despertar temor ou espanto diante do familiar.

“Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem, entrou. Presumi que ao deixar o toailete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei -relata Freud- totalmente com sua aparência” (Freud, 1919, p. 248).

O fenômeno gemelar engana o limite da castração, alimentando a fantasia de que seria possível complementar-se e até perpetuar-se nesse outro que é igual, gerando a ilusão de imortalidade e transcendência.

A gemelaridade se refere por definição à multiplicidade, mas aqui apresentamos outra dimensão do múltiplo no fenômeno gemelar. Fazemos referência que tanto em relação à prática clínica, quanto para além dela, é possível reconhecer diversas variantes do agenciamento gemelar, dos quais selecionamos apenas algumas para o presente trabalho. Dentro da diversidade de figuras gemelares encontramos algumas que são biológicas e outras virtuais, imaginárias e culturais.

Alguns fenômenos não serão desenvolvidos neste trabalho, apesar de apresentar uma estreita relação com o tema proposto. Ficarão provavelmente para um próximo texto. Me refiro, entre outras coisas, a um modo de gemelaridade ficcional: o amigo imaginário e aquilo que poderíamos chamar de gemelaridade manipulada geneticamente, através da clonagem.

Por um lado serão comparadas e consideradas diferenças entre os distintos modos de vinculação entre pais e seus filhos gêmeos, e por outro a vinculação entre irmãos gêmeos. Serão estudados os efeitos psíquicos dos processos de subjetivação nos casos citados.

2. PERSPECTIVA TEÓRICA

Para situar a perspectiva teórica deste ensaio e delimitar o objeto que queremos estudar, partimos de um desenvolvimento teórico formulado no princípio da psicanálise: o Complexo do próximo.

Em “O projeto para uma psicologia científica” (1895), Freud faz referência ao *Nebenmensch*. Aponta para a dimensão constitutiva do próximo, tanto no que se refere a estruturação do aparelho psíquico, quanto a do pensamento. É a discordância e não a coincidência o que proporciona a saída para o trabalho de pensar. Quando o objeto que proporciona a percepção é um semelhante, um próximo, este resulta “simultaneamente o primeiro objeto de satisfação e o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliador. Sobre o próximo o ser humano aprende a discernir.” (p. 377)

O complexo do *Nebenmensch* seria o molde sobre o qual se forma a aliança. Posteriormente, Freud se refere à “liga de irmãos” como primeira forma de organização social.

L. Kancyper (2004) destacou “a importância do complexo fraterno na estruturação da vida psíquica individual e social” (p. 7). Se refere a sua especificidade irreduzível e a sua articulação com as dinâmicas narcisistas e edípicas. Enfatiza que “a inclusão dos psicodinamismos referidos à fratria não encerra nenhum dos temas concernentes à importância essencial que desempenham Narciso e Édipo na configuração da vida psíquica”.

Este ensaio se propõe, desde a psicanálise vincular, ampliar as fronteiras de nossas referências epistemológicas para pensar os vínculos entre irmãos gêmeos. O pensamento complexo nos permite conceber a existência de distintas realidades. Em relação a isso, J. Puget (2013) afirma que “A experiência analítica perde sua força geradora de significados quando se trata das realidades vinculares, sociais, como meras metáforas do mundo chamado interno e, portanto, imune aos efeitos do presente” (p. 42).

“O vincular – afirma I. Berenstein (2001) - estabelece outra ética [...] a que tem origem na consideração pelo alheio do outro [...] e propõe ao sujeito a tarefa de inclui-lo como um outro alheio, e por isso, não inscrito no eu.”

Como afirma J. Puget (2015), distintos marcos teóricos abordam o conceito de vínculo desde ângulos muito diferentes. Neste trabalho usaremos predominantemente a perspectiva de Berenstein e Puget, que afirmam “que podem conviver o Dois e o Um de maneira sobreposta e, conseqüentemente, descontinua... Origem do Um é parte de uma teoria evolutiva, origem do Dois é o que se produz no hoje” (p. 22).

“Continuo fazendo coexistir – destaca Puget – várias lógicas, do mundo psíquico chamado interno, o que desde Freud viemos desenvolvendo e aprofundando, e a do mundo relacional estrutural e a do mundo vincular, ou seja, o do ir advindo. Trata-se de lógicas heterólogas que despertam um permanente mal-estar – inquietude, que se tenta resolver” (p. 23).

As diferentes realidades vinculares enodam os discursos. Tramas e tecidos associativos e conectivos permitem o acesso à cenas e significados esquecidos, perdidos ou separados, que não costumam aparecer no processo associativo de um sujeito isolado.

Como propõe acertadamente Julio Moreno (2018) em seu trabalho intitulado *Análises em clave vincular*, “A palavra vínculo não evoca o que acontece quando dois portadores de “aparelhos psíquicos” trocam informação, se não que entre os participantes se produz encontros, que não são passíveis de antecipação e que emergem na imanência da situação” (conferência apresentada na Jornada Universidad de Buenos Aires, *Los caminos de la terapia Psicoanalítica*).

A realidade psíquica vincular que corresponde a irmãos gêmeos, é diferente e singular em cada integrante e em cada trama vincular. As cenas vinculares vividas desde o começo da vida impregnam significativamente os processos de subjetivação. Os assim chamados de “sujeitos do vínculo” constroem situações, climas e cenas nesse “entre dois” que produzem pegadas e marcas de diversas índoles; curativas, reparatórias em alguns casos, adocedoras em outros e até tóxicas e alienantes em casos extremos.

A literatura e o cinema produziram um vasto repertório de obras que dão conta da intensidade emocional que se coloca em jogo nos encontros e desencontros de irmão gêmeos. Como bem disse Clément Rosset (1996), “o espetáculo do desdobramento da personalidade no próximo é uma experiência com um efeito terrorífico garantido” (p.86).

3. DO COMPLEXO DO PRÓXIMO À ALIANÇA FRATERNA

Para pensar as tramas fraternas partimos do desenvolvimento teórico formulado no início da psicanálise: o Complexo do próximo. O caminho proposto irá do Complexo do próximo à aliança fraterna.

A criança se constitui como sujeito a partir destas redes relacionais, sendo o encontro com o outro inevitável e marcado pelo desamparo inicial do bebê humano. O desamparo próprio do começo da vida otorga ao outro um lugar e uma função primordial. “A representação se inscreve sobre a cortina de fundo do desamparo e do Outro” Rabinovich, 1990, p. 14). La Hilflosigkeit é, como diz Laplanche (1987), esse “estado sem ajuda, estado de desajuda, estado de um ser que entregue a si mesmo, é incapaz de se ajudar”.

O complexo do próximo (Nebenmensch) conta com dois componentes. Um “correspondente a uma montagem constante” (das Ding), a Coisa, que se apresenta como alheia e irreduzível, se referindo à dimensão irrecuperável do objeto. O outro, é a qualidade, o atributo, que pode ser entendido pela memória na medida em que está referida “ao corpo e à experiência do sujeito.” Da experiência do Nebenmensch surge o Fremde, o alheio, o distinto. Fórmula assombrosa, dirá Lacan: “articula poderosamente o marginal e o similar, a separação e a identidade” (p. 68). Assim, o semelhante é o próximo ao mesmo tempo. Fremde. O Ding, como Fremde, “como o primeiro exterior é aquilo em torno do qual se organiza todo o funcionamento do sujeito” (p. 52).

O Complexo de Nebenmensch introduz a ideia de alheidade diferente da alteridade. A alheidade não pode ser pensada nem representada; a alteridade, por outro lado, é passível de ser reconhecida. O alheio é inassimilável carece de representação e consequentemente é irreduzível. Semelhança, alteridade e alienação, poderiam, em termos lacanianos, constiur os aspectos imaginário, simbólico e real, estruturantes de todo vínculo. Três registros sempre presentes e de permanente articulação.

O complexo de Nebenmensch opera como marca. A primeira forma de organização social é a “liga de irmãos”, como denominou S. Freud (1939, p. 104). Trata-se da passagem do vínculo fraterno à aliança. Após o assassinato do pai, se forma a “irmandade totêmica”, na qual todos gozavam de direitos iguais e estavam ligados às proibições totêmicas (Freud 1922, p.134). Assim se originam para Freud, a moral e o direito. Lacan pontua que o resultado do assassinato do pai é que quem o comete se descobre irmão.

Poderíamos dizer que a identificação se acha na base da aliança fraterna. Tal como Freud a apresenta é a primeira forma e mais originária do laço afetivo com outra pessoa. “Tem como consequência, entre outras, que se limite a agressão àqueles com os quais se tenha identificado, a perdoe e a ajude” (p. 104). Ao mesmo tempo a identificação, ambivalente desde o início, precede o investimento do objeto.

A passagem do vínculo fraterno à aliança vai requerer de uma identificação, embaçamento inaugural do vínculo, e de um processo simultâneo de diferenciação.

A gemelaridade como ligamento horizontal entre pares coloca em jogo a problemática da semelhança ligada à identificação e a diferença ligada ao reconhecimento da incompletude e do alheio. No caso de irmãos gêmeos a identificação está reforçada pela semelhança física que às vezes é tão marcante que resulta determinante na qualidade do vínculo que alí se gesta. No percurso deste ensaio apresentaremos diferentes configurações de vínculos de irmãos gêmeos dando especial ênfase em pontuar como transcorre a tensão entre a semelhança, a diferença e a alheidade.

4. CONCEITO DE VÍNCULO E REALIDADES VINCULARES

Em relação ao conceito de vínculo, coincidimos com a exceção que nos faz Janine Puget (2015), ao nos advertir que se trata de um conceito que foi sofrendo modificações semânticas que dependem do marco teórico no qual está inserido. “Hoje me resulta claro – enfatiza Puget- que, com esta denominação busco basicamente diferenciar a relação de objeto, incluída na lógica do Um, de vínculo, incluída na lógica do Dois. A noção de vínculo dá conta de um movimento subjetivo, segundo o qual fracassam a identificação e suas múltiplas derivações. É criado um espaço inviolável, que se amplia em cada troca entre dois ou mais sujeitos, cuja a qualidade essencial é a alteridade de cada um, que se impõe aos demais. O encontro tem sempre algo inédito e impensável previamente; alguma coisa que não estava antes acontece. É impossível prever o que vai acontecer em um encontro, diferente do que acontece na lógica do Um, onde se habilita jogos transferenciais e modificações derivadas deles” (p.20).

É diferente falar com um outro ao qual se investe de qualidades próprias ou históricas, de falar a um outro, sempre estrangeiro, que impõe algo que excede ao sujeito. Desde a lógica dos Dois, haverá que criar um espaço de diálogo e procedimentos adequados para ir se apropriando do que vai acontecendo e poder habitá-lo.

O reconhecimento da alteridade seria então não apenas reconhecimento de todos os outros, mas também reconhecimento da própria alienação.

Nós, os psicanalistas que trabalhamos com as teorias vinculares, incorporamos em nossa prática a coexistência de lógicas diferentes.

Ausência-presença, representação-apresentação, história-acontecimento, desensolar-produção, associação-conectividade, transcendência-imanência, Chronos-Aion são conceitos classicamente propostos como antagonicos entre si. No entanto, desde a perspectiva da complexidade, se diluem em sua conceitualização como pares opostos e podem se abordar como lógicas simultâneas, múltiplas e diversas (Mauer, Moscona & Resnizky, 2014).

As teorias sobre o conflito interno, por um lado e o ponto de vista vincular por outro se referem a legalidades diferentes presentes em cada situação, legalidades que se correlacionam e também gozam de autonomia relativa.

Podemos definir as realidades vinculares como construções psíquicas que surgem da contingência de encontros singulares, de investimentos reciprocamente significativos. Mostram sua eficácia pelo posicionamento particular com que os sujeitos do vínculo atuam no dito espaço e pelo modo como investem. Nos referimos às produções interfantasmáticas que - como descritas por M. Spivacow (2005) decantam da montagem inconsciente que configuram, vão além da soma das fantasias de uns e de outros. Trata-se de um espaço virtual que tem leis próprias que incidem, mobilizam e otorgam vida a essa relação singular. Simultânea e reciprocamente vão se configurando subjetividade e vínculo (p.23).

As diferentes realidades vinculares entrelaçam discursos. Tramas e tecidos associativos e conectivos habilitam o acesso à cenas e significados esquecidos, perdidos ou separados, que não costumam aparecer no processo associativo de um sujeito isolado (Mauer, Moscona, Resnizky, 2014).

A realidade psíquica vincular que corresponde a um conjunto, é diferente e singular em cada integrante. As cenas vinculares surgem como uma trama armada por uma multiplicidade de presenças e representações que darão lugar a novas produções. É um trabalho em imanência.

Os assim chamados “sujeitos do vínculo” constroem situações, climas e cenas vinculares que imprimem pegadas e marcas curativas, reparatórias ou adoecedoras, tóxicas e alienantes.

5. A DIMENSÃO FRATERNA

5.a Complexo fraterno

A produção teórica e clínica em relação ao complexo fraterno é hoje ampla e diversa. L. Kancyper (2004)¹ destaca “a importância deste complexo na estruturação da vida psíquica individual e social” (p. 7), se refere à sua especificidade irreduzível e a sua articulação com as dinâmicas narcisistas e edípicas. Enfatiza que “a inclusão dos psicodinamismos referentes à frataria não encerra nenhum dos temas concernentes à essencial importância que desempenham Narciso e Édipo na configuração da vida psíquica.” (p. 139) O complexo fraterno e o complexo de Édipo são duas caras diferentes mas solidárias na constiuição das legalidades para o sujeito e a cultura. Não se trata de banir o complexo de Édipo se não de enredá-lo com as especificidades do complexo fraterno.

Diante do enfraquecimento das instituições que forneciam suporte, surge o laço fraterno como alternativa de subjetivação.

Os irmãos são o paradigma dos laços horizontais. Convergem no vínculo fraterno um espectro de emoções aparentemente inconciliáveis. Freud, (1916-17), referindo-se a este momento de metamorfose na família afirma que “O complexo de Édipo se amplia e passa a ser Complexo de Família quando chegam outros filhos” (p.25). Intensos sentimentos se despertam em uma criança frente a chegada de um irmão, ciúmes, raiva, temor a ser substituído. Ciúmes que derivam do Complexo de Édipo e do “Complexo das irmãs e irmãos.”, como Freud (1922) (p. 223) o chamou. Lacan (1988) se referiu especialmente ao “complexo da intrusão” para evocar a experiência que realiza a criança ao comprovar que tem um irmão. Sua aparição antes ou depois do Complexo de Édipo dará lugar a distintas reações.

¹ Dedico este escrito à memória Luis Kancyper, colega amigo e pioneiro no estudo do vínculo fraterno na Psicoanálise do Rio de la Plata.

A princípio o irmão é percebido como intruso, como estranho e ao mesmo tempo semelhante. Mas no caso dos gêmeos a dialética entre o igual e o distinto é complexa. Entra em jogo uma busca acirrada de singularidade e um desejo irreduzível de homogeneidade.

Freud atribui uma influência decisiva ao Complexo Fraternal. Escreve a seu amigo Fliess em 1897, que a morte prematura de seu irmão Julius, aos nove meses, quando ele tinha menos de dois anos, se constituiu na raiz de suas autocríticas já que como era de se esperar, havia recebido a esse irmão com “desejos maus e genuínos ciúmes intantis”. Quase ao final de sua vida, em uma carta a Thomas Mann (1936) nos surpreende com uma análise que faz sobre Napoleão. Escreve que José, o personagem bíblico, pode ter sido para Napoleão um modelo mítico. Seu irmão mais velho se chamava José. Livrar-se do irmão e ocupar seu lugar e inclusive se converter nele, pode haver sido sentimentos que dirigiram suas conquistas. “Onde ir se não ao Egito, quando se é José e se quer fazer grande ao olhos de seus irmãos?”, se pergunta Freud. Que o irmão proporciona o significante da idealização e da agressividade, o atesta a paixão egípcia de Napoleão. Converte-se em conquistador do Egito e instala seus irmãos nos quatro pontos cardiais do Império. Além disso elege Josefina como mulher, e em virtude de seu nome transfere a ela uma parte de seus sentimentos de apego e ternura que sente em relação ao seu irmão. Repudiada Josefina, a hostilidade em relação ao irmão se revela e o conduz à perdição. Esta, -interpreta Freud-, será o autocastigo por sua infidelidade com Josefina e seus impulsos destrutivos fraternos (Mauer, Moscona & Resnizky, 2014).

5.b Laços fraternais

*Não há retorno ao pai onipotente
se quiser crescer na vida,
se não frataria,
vínculo entre irmãos.*

Arnoldo Liberman (1990, p.129)

A fraternidade se configura como uma trama horizontal entre pares, que são ao mesmo tempo semelhantes e diferentes. Baseada na aceitação das diferenças e das características particulares de cada um dos seus integrantes, a relação fraternal aparece como alternativa tanto ao isolamento narcisista quanto ao vazio de referentes. Os vínculos, entendidos desde o pensamento complexo, não são então necessariamente uma duplicação do original. Justamente os caracteriza a possibilidade de fundar com outros, de fazer com outros e nessa interação ir transformando-se ao mesmo tempo.

P. Assoun afirma o laço fraternal como um esquema intermediário entre a relação consigo mesmo e a relação com o outro, como um “intermediário entre Narciso e Édipo” (1998).

S. Matus (2003), ampliando esta perspectiva, sustenta que o vínculo fraterno é passível de transformação, pode se abrir desde a especularidade narcisista à solidariedade social.

Nossa ideia é hierarquizar os laços fraternos como suplementação do Edípico. Suplementar não é substituir, nem complementar. “Complementar é fazer que algo, supostamente faltante, complete uma unidade preconcebida sem alterá-la.” (Moreno, 2002, p.137). Suplementar é agregar, implica somar como fazem os suplementos do jornal ao corpo principal. “Suplementar é o que ocorre quando um emergente radicalmente novo destotaliza uma concepção previamente estabelecida” (Moreno, 2002, p. 137).

A possibilidade que os laços fraternos abrem não desmerece nem muda a hierarquia da qualidade fundadora de Édipo. “O suplemento complexifica sem se integrar, se enreda sem se dissolver, sem alterar nem antagonizar”(Lewkowicz, 2002, p. 296).

O valor estruturante das relações entre irmãos não afetam apenas a vida da família. Os laços fraternais, assim como a própria vida, ganham novos sentidos pensados no contexto atual. Participar e nos comprometer com o que nos sucede como sociedade é também uma maneira de protagonizar nosso lugar de irmãos.

A inclusão em coletivos fraternos nutre tanto a própria subjetividade, quanto o tecido social. A amizade, a hospitalidade, a adesão e o pertencimento à instituições, filiações políticas, profissionais e outros laços de paridade fazem a nossa vida em comum. Aquelas relações que se estabelecem sobre a horizontalidade habilitam um espaço para o difícil exercício da tolerância.

5.c Irmãos gêmeos

A mitologia tem incontáveis exemplos onde ficam representados o horror, o estranhamento, a violência, a fascinação e outros fantasmas que este fenómeno potencializa.

Rosset (1996, p. 86) o apresenta com clareza e diz: “Talvez o fundamento da angústia, aparentemente vinculado ao descobrimento de que o outro visível não era o outro real, deva se buscar num terror mais profundo: o terror de não ser eu mesmo quem eu acreditava ser. (Rosset, 1996, p. 86)”

5.d Os tempos do vínculo fraterno e a condição gemelar

E. Czernikowski, R. Gaspari & S. Matus (2003), psicanalistas argentinos, descreveram três tempos do vínculo fraterno: um tempo de supressão, um de conjunção e um terceiro de diferenciação. São tempos não necessariamente sucessivos, em termos de evolução. Podem inclusive ser simultâneos. Nossa ideia é relacionar estes tempos com as diferentes formas, que a critério de J. Droeven e outros autores, poderiam ter as configurações fraternas: parento-filial, fraterno-filial e fraterno-fraterno.

O primeiro tempo, de Rivalidade-Supressão, está descrito seguindo o modelo de Caim e Abel, é “eu ou o outro”. A relação entre irmãos não tem, neste momento, nenhuma autonomia. Poderíamos dizer que transcorre em torno do eixo parento-filial. O que se disputa é o amor dos pais.

No caso especial dos gêmeos poderíamos arriscar a hipótese de que há um tempo prévio, próprio do estado fusional anterior ao nascimento, que pareceria alterar significativamente estes movimentos tão bem descritos pelos autores. Experiências neonatais têm evidenciado a força que tem “o entre” de bebês gêmeos, a ponto de fazê-los compartilhar incubadoras como recurso terapêutico diante da fragilidade de um deles².



Figura 1 – Bébés gémeos na incubadora.

Uma das meninas aqui retratada estava em risco por uma severa descompensação cardíaca. Foi nesse momento que as meninas foram colocadas uma ao lado da outra, em contato. Em poucos minutos foram subindo os níveis de oxigênio no sangue da bebê em perigo. Seu coração começou a se estabilizar. Algo que poderíamos chamar de fusionabilidade fraterna operava com eficácia. Enquanto dormia, sua irmã foi esticando seu braço até abraçá-la completamente. Isto fez que a hipotermia do corpo da pequena aumentasse até se normalizar. Um verdadeiro resgate fraterno.

O tempo de União-Conjunção está associado ao estabelecimento da irmandade. Neste segundo momento é produzido uma passagem da rivalidade à cumplicidade. Mesmo assim, continua tendo um papel protagonista o mandato parental. A relação transcorre em torno do eixo fraterno-filial. No caso de gestações múltiplas, o vínculo fraterno se investe com um nível de cumplicidade e sintonia que não mantém necessariamente o predomínio do eixo fraterno-filial.

² http://protestantedigital.com/qfamilia/34385/La_recien_nacida_que_salvo_a_su_gemela_con_un_abraz

E por último, o tempo descrito como Diferenciação-Separação é o que dará lugar à possibilidade do armado da aliança fraterna. Quando o vínculo transcorre neste tempo de Diferenciação-Separação gira em torno do eixo fraterno-fraterno. Esta configuração “não se constrói ‘contra’ nem ‘em vez de’... acrescenta complexidade, diferença e singularidade” (Droeven, 2002, p. 19).

O terceiro tempo do vínculo fraterno inaugura a ideia de uma nova legalidade, para além do pai. Predominam neste momento os processos de auto-organização que possibilitam a montagem da aliança fraterna. Este tempo também tem, no caso de irmãos gêmeos, uma conotação relativamente diferente, dado que a cumplicidade, já desde a gestação, habilita um “para alguém do pai”.

A aliança fraterna se corresponde com um tempo de construção da socialização por fora do familiar, abertura a outros vínculos, a relações com pares, a saída exogâmica. Assimetria e paridade se afirmam simultaneamente e as diferenças se significam em termos fraternos e não parento-filiais. Aparecem manifestações de solidariedade inerentes à amizade. A trama gemelar gera, em muitos casos, fortes efeitos nos afetos e nas relações com os outros. O lugar de terceiros está atravessado por esta variabilidade.

A concepção do poder transversal, tal como pensa M. Foucault (1978), se aproxima com a vigência da uma legalidade horizontal fraterna imanente, produtora de subjetividade e com modalidade transformadora. M. Foucault (1978) descreve o poder como algo múltiplo, como um jogo de forças que funciona e se exercita através de uma organização reticular. Para ele, o que move ou bloqueia uma sociedade são os inúmeros pequenos poderes mais que a ação de um poder central. Estes poderes múltiplos que transitam transversalmente se afastam da ideia de uma poder hegemônico.

Destacamos o valor do encontro e dos vínculos da fraternidade dos quais a amizade, essa irmandade escolhida, não imposta por laços sanguíneos, é um dos seus derivados sublimatórios (Kancyper, 2003, p.243).

6. FIGURAS DA GEMELARIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA

6.a Gemelaridade suplementária: “Liga de irmãos”: um modo possível de contornar o desamparo. Gina e Mora

Dar lugar ao outro, aprender a suportar o ciúmes, conviver, fazem da proximidade fraterna uma dimensão complexa que não dá trégua nem apresenta alternativas. Tem coisas que só a paridade ensina. Daqueles vínculos iniciais entre irmãos surgem valores, - ou lamentavelmente, sua ausência-, imprescindíveis para viver com os outros.

A partir destes momentos iniciais, talvez míticos, me interessou pesquisar os destinos possíveis que o fraterno, enquanto “liga de irmãos”, pode oferecer como modo

de tramitação do traumático, segundo os enlaces ou desenlaces que sejam capazes de realizar os sujeitos para bordear, velar e enredar o real inominável diante do desamparo.

De acordo com as diversas vicissitudes e a como é operada a tensão entre o semelhante e o diferente, o homogêneo e o heterogêneo, o par e o “ímpar”, a prática clínica nos oferece múltiplas variantes gemelares das quais recortei apenas algumas:

Gina e Mora, irmãs gêmeas de quatro anos, chegam juntas a uma entrevista diagnóstica. O pai consulta, preocupado porque sua ex-esposa, mãe das crianças, estava hospitalizada há sete meses, depois de reiteradas tentativas de suicídio. Chegou na consulta em busca de uma orientação em relação às filhas.

As meninas viviam com o pai e avó paterna. As perspectivas da mãe de sair da internação não eram imediatas e seu prognóstico, delicado.

O objetivo de incluir esta breve vinheta clínica é dupla: em primeiro lugar, porque se trata de um pedido de avaliação diagnóstica em psicanálise a propósito de uma situação supostamente traumática; por outro lado, porque o material permite realizar uma articulação possível entre efeitos traumáticos e vínculo gemelar.

A angústia por falta de amparo exacerba a inevitável necessidade de um semelhante. Um outro que nos singularize enquanto nos sustenta em sua diversidade, alteridade e estrangeiridade.

Gina e Mora, duas meninas muito vivas e desenvoltas, se situaram com boa disposição na entrevista inicial, explorando, jogando, desenhando e contando sobre elas – curiosamente, apesar da pouca idade-, de seu entorno, de sua família. Um desenrolar sem travas significativas, dando conta através de suas produções de um nível de organização psíquica promissora para sua idade.

Não se sobrepunham em suas atividades. Gina escolheu desenhar; Mora preferiu jogar. Compartiam com naturalidade e boa aceitação as áreas do consultório, objetos. Se ajudavam mutuamente em suas necessidades, se criticavam sem pudor, e se complementavam em seus relatos. Esta forma de se organizar, auto-regulada entre elas como forma de abastecimento, é talvez um recurso que as protegeu de uma desestruturação maior. Treinadas na interdependência mútua, transmitiam uma atitude de maior independência do suporte adulto diante de uma dificuldade.

A constelação fraterna provavelmente atenuou os efeitos traumáticos de conviver com uma mãe que busca a morte desesperadamente.



Figura 2 - Desenho das Irmãs



Figura 3 - Desenho da Família



Figura 4 - Interpretação do artista Sérgio Moscona.

A analista funcionava como uma terceira, a buscavam apenas para intervenções pontuais diante de dificuldades ao lidar com o material de jogo, ou perguntas que lhes despertavam curiosidade.

A facilidade com que se desprendiam do pai na hora de entrar ao consultório também chamava a atenção. A cumplicidade fraterna havia se instaurado entre elas como forma de subsistência. Eram uma referência mútua, uma proteção diante da fragilidade do suporte familiar nesta circunstância traumática.

Poderíamos pensar que este modo de lidar com a ausência da mãe se apoia predominantemente sobre a construção de um nexo de comunicação ativo e funcional entre ambas, que diminui parcialmente o impacto violento de uma mãe desaparecida da vida cotidiana.

Resumindo, a hipótese aqui apresentada sugere que a incidência dos efeitos traumáticos muda quando uma aliança fraterna filtra o avassalamento e a irrupção no

psiquismo de estímulos que o excedem. Esta dimensão de “proteção anti-estímulo” advém de uma possível via de tramitação vincular em situações de intempérie emocional.

6.b Irmãos gêmeos: fonte de uma estruturação psíquica traumática?

Este relato clínico conta o início do tratamento de um jovem adolescente de 17 anos. A seleção do material verbal e gráfico que aqui apresento, responde a uma inquietude específica: pensar na articulação entre sua condição gemelar e sua constituição subjetiva.

Joaquim chegou a consulta forçado pela sua família. Concordou em participar de uma entrevista depois de 27 dias de isolamento ininterruptos em seu quarto. Seus pais inquietos e preocupados, consultaram pelos transtornos que se produziam na família. Joaquim vive com seus pais e irmãos. A presença de Juan, seu irmão gêmeo, na primeira entrevista foi condição necessária para que Joaquim aceitasse ser atendido. Assim, se apresentaram juntos; para eles um modo de nascer e também de chegar ao tratamento. Esta aproximação gemelar foi uma marca chave no curso do tratamento.

Joaquim se isolava esporadicamente, depois de explosões em frente ao espelho nos quais tomava seu rosto e o apertava, o machucava, o marcava. Lutava, prisioneiro do desequilíbrio contra uma compulsão irresistível, um tormento que parecia tentar desfazer-se de si.

Joaquim se reclusa em seu quarto depois de cada uma dessas explosões. Se isolava, não se deixava ver, enquanto esperava que suas feridas se cicatrizassem. Às vezes passavam várias semanas até que sua pele o envolvia novamente com uma cor homogênea e a textura de rosto. Algo diante do espelho o excedia. Era seu rosto? Era seu irmão gêmeo? Quem ele enxergava?

Ele se excedia e ficava alienado como um refém que não podia dispor com liberdade de si. Sua imagem especular parecia pertencer ao outro. Diante de tal evidência se aterrorizava, se perfurava, se traumatizava.

“Se não fosse pela cara não teria problema. Eu gosto de puxar ferro, ter um corpo sarado, agora já sou técnico óptico e estou fazendo mais um ano para ter a especialidade de contactólogo”, contava Joaquim.

No trabalho transferencial apareceram quase desde o começo indícios de uma inconsistência traumática na constituição subjetiva de Joaquim. “Estive 17 anos casado com meu irmão, nunca precisei de amigos, ele é minha família”. O problema de Joaquim não começou na hora de se separar de seu irmão, não se trata de um trabalho de desprendimento traumático, mas de um défiti na estruturação psíquica de Joaquim que a gemelaridade encobriu.

Se coincidimos com Emmanuel Levinas de que o Eu humano se implanta na fraternidade, estaremos reconhecendo uma articulação significativa entre o surgimento e o desenvolvimento do Eu e a relação fraterna. Em tal caso, falhas nas origens, na constituição tanto do Eu como do vínculo entre irmãos gêmeos, pode nos levar a pensar em um processo de individuação traumática.

Joaquim insiste que, por ser idêntico a seu irmão, tomos o buscam na cara, o olham com o objetivo de reter algum traço que sinalize uma diferença. O rosto é o alvo (blanco em espanhol) onde sente que todos, inclusive ele, disparam. O rosto fica em branco, não há rosto. Há explosão que machuca, há renúncia, dor, angústia.

Freud (1919) situa, entre os motivos do efeito sinistro/ameaçador, "...a presença de duplos em todas as suas gradações e realizações, vale dizer, a aparição de pessoas que por seu idêntico aspecto devem se considerar idênticas [...] até chegar ao ponto de equivocar-se sobre o próprio Eu ou situar o Eu alheio no lugar do outro" (p. 234).

Quando Joaquim recupera o contato com o mundo externo, ao que Juan representa, se estranha, se irrita, se vê despojado daquilo que acreditava próprio. Fica então sem um rosto que o identifique (ver figura 3). Não tolera tal sofrimento, se sente horrorizado. Foge traumatizado. Não pode advir sujeito. Se são idênticos, algum deles "não é"? Será este o núcleo sinistro dentro daquilo que o angustia? Se sente enlouquecer diante da ruptura de ver seu rosto desdobrado? Desfigurar assim seu rosto, põe em cena sua tragédia. Briga com esse desdobramento narcisista que o propõe ou um semelhante idêntico e que por tanto não é outro, ou uma imagem de si da qual não pode se apropriar. Uma encruzilhada inscrita no corpo e que enquanto não pode ser anunciada resulta sinistra, traumática.

Por que pensar em um processo de subjetivação traumático?

O trauma aparece associado a um contra-sentido: a busca de uma representação para o irrepresentável.

Traumatismo como roubo ou sangria remete sempre a ideia de um sujeito devastado. Uma ruptura da cotidianidade, a perda da ilusão de continuidade nos confronta ao limite do que pode ser dito. É uma experiência que se apresenta inesperadamente e escapa da representação. O súbito, o inesperado introduz a marca da temporalidade. Algo vivido invivível irrompe diante um sujeito desprevenido. Assoun situa como "cúmulo do trauma" no encontro brutal do sujeito com uma situação "des-simbolizante", implosão que ao ocorrer sem ruptura, sem uma ferida simultânea contribui para a desamarração pulsional. "O primeiro tempo do trauma permanece mudo até que 'Nachtraglich' o permita falar e se constituir em trauma. O tempo mudo 'pré-traumático' do trauma é tão inadmissível, irrepresentável, inominável como a mesma pulsão de morte. (Baranger, Baranger & Mom, 1987, p. 127)".

Temporalidade em dois movimentos, afeito retardado (Nachtraglich) de algo que ganha eficácia em um segundo momento. Cai a noção de causalidade mecânica e

temporalidade linear. O trauma se estrutura com a modalidade do après-coup e altera o equilíbrio dinâmico das pulsões. “As psiconeuroses são traumas com história”, assim define J. Mom e W. e M. Baranger para diferenciá-las dos traumas não historicizados nem facilmente historicizáveis, que remetem ao que pode ficar presente e inassimilável do trauma puro que se opõe no sujeito à historização como um muro impenetrável.

Não existe um acontecimento traumático absoluto. Já em 1896, Freud, ao enunciar em uma carta a Fliess sua famosa frase “não acredito mais na minha neurótica”, a vida fantasmática adquire um protagonismo relevante. O abandono de sua teoria da sedução complexifica a noção do trauma, enfatiza seu aspecto relativo ao sujeito. Cada um responde com sua singularidade, segundo a ressonância que o acontecimento tenha com sua história, segundo a posição que adote diante da experiência³.

A partir de Inibição, Sintoma e Angústia, a situação traumática remete ao estado de deficiência (Hilflozichkeit). Não é clara a diferença entre situação traumática externa e interna. Qualquer que seja sua origem conduz em uma inundação do Eu que reativa seu estado primitivo de deficiência. “Advertimos o genial de uma teoria que faz caso omissa a todas as dosificações que serão tentadas depois, entre fatores exógenos e endógenos. Aqui tudo é exógeno e ao mesmo tempo endógeno porque toda a eficácia vem do tempo de renovação endógena de uma lembrança que por sua parte provém, evidentemente, do acontecimento real.” (Laplanche, 1987, p. 113).

O sujeito aturdido, desaparecido na perplexidade, também poderia ser convocado a encontrar uma nova significação. Desde esta perspectiva, o traumático ao mesmo tempo que paraliza poderia também habilitar ao sujeito, dando a ele oportunidade para a criação de algo novo.

Significante que emanam do adulto, ligados a satisfação das necessidades da criança em seu estado de desamparo, veiculam mensagens enigmáticas, de caráter sexual, de difícil simbolização. A teoria de uma sedução generalizada faz alusão à constituição do aparelho através de uma série de traumas. Laplanche marca a presença do inconsciente parental, “do adulto diante ao objeto-fonte que o mobiliza a ele mesmo” (Laplanche, 1987, p.116).

Estes autores, ainda que através de diferentes desenvolvimentos teóricos, evocam, contudo, a uma ideia afim, com a qual concordamos. Consideram o trauma como constitutivo do aparelho e aos vínculos primordiais como estruturantes e traumáticos ao mesmo tempo.

Aquilo inassimilável para Joaquim, insiste pela via da repetição compulsivamente com explosões que o desestabilizam periodicamente. Poderíamos pensar por isto, que a condição gemelar neste caso operou traumáticamente obstaculizando o processo de estruturação psíquica.

³ Não desconhecemos os interessantes problemas que apresenta a controvérsia Freud-Ferenczi em relação à questão da realidade psíquica. O trauma como imposição de uma realidade psíquica alheia, que desconhece as necessidades da criança, somado ao desmentido de um outro significativo.

A violência da imagem duplicada e ao mesmo tempo dividida, se tornou para Joaquim uma figura terrorífica. É interessante a relação que Levinas apresenta entre rosto e violência: o rosto está exposto, ameaçado, como nos convidando a um ato de violência; ao mesmo tempo o rosto é o que nos proíbe de matar. Esta tentação de assassinar e esta impossibilidade de assassinar constituem a visão mesmo do rosto.



Figura 5 – Caricatura de violência.

Suas produções gráficas nas sessões dão conta de um sadismo poderoso e ao mesmo tempo fracassado. Assim o expressa em seu desenho do dinossauro (ver figura 5) com mãos cheias de garras, mas curtas, quase tocos, (unhas-presas) com as quais não poderia se tocar nem percorrer seu corpo, inabilitadas para o gozo. Muitas presas, apenas presas, um desenho amputado em sua possibilidade de atacar, caricatura da violência.

Essa violência como impossibilidade encarnada no dinossauro, remete em alguma medida ao encontro de Joaquim com a imagem em frente ao espelho.

Joaquim insiste que ele e seu irmão gêmeo são duas caras de uma mesma moeda, “com Juan nunca precisei de nada”. Duas caras de uma mesma moeda tem alguma possibilidade de encontro? Poderiam se reconhecer? Pareceria que é o auxílio da imagem especular a que deixa de ver a outra cara, da mesma moeda?

“Este duplo especular, este gêmeo escópico – diz Baranger (1987)- é o ponto de origem do complexo fraterno (p. 248) São grandes seus esforços para que o irmão não seja reflexo com o qual se excita. Se o do espelho é o irmão, ele fica retido em um gozo homossexual que ao mesmo tempo que o satisfaz, o aterroriza.

O encontro especular produz uma tensão entre o idêntico, por um lado, e o alheio como núcleo irredutível ao próprio Eu que Freud descreve na constituição do complexo do próximo. Mas também o espelho engana, porque como diz Clément Rosset (1996), “o espelho não é se não uma última oportunidade de me captar, que sempre terminará me desiludindo” (p. 84). A busca do Eu, sobretudo nos problemas de des-

dobramento, está sempre ligada a um tipo de retorno obstinado ao espelho, e a tudo aquilo que pode apresentar uma analogia com o espelho, por exemplo a obsessão pela simetria em todas as suas formas. A simetria (ver figura 6) se parece à imagem especular, não dá a coisa, senão seu outro, seu inverso, seu outro lado, sua projeção segundo este ou aquele espelho plano.

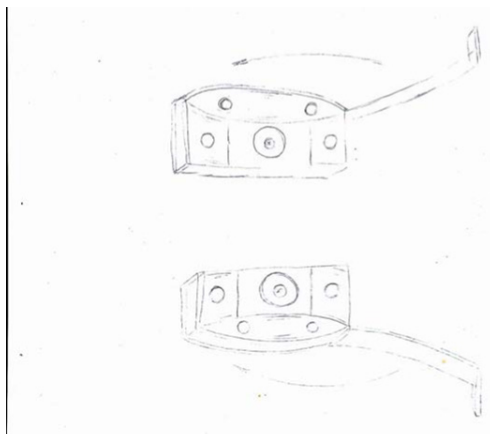


Figura 6 - Simetria

O rosto o assedia e concentra sua atenção, também em sua fantasia atrai o olhar dos demais.

Com muita lucidez e clareza, Colette Soler (1988) explica este fenômeno se referindo a Vincent Van Gogh, “quem, depois de nos iluminar com uma de suas obras mestres que nos maravilham, corta em carne viva seu corpo, sua imagem que dissimetria para se converter no homem da orelha cortada. Esta orelha menos, como em muitos outros atentados da psicose, realiza em ato a título quase de suplência do efeito capital do simbólico, isto é seu efeito de negativização do ser mesmo” (p. 106).

Joaquim parece perfurar seu rosto em busca de alguma delimitação que o negativize como sujeito; só assim poderá em sua fantasia ser reconhecido na diferença e na mesmice (Mauer, Moscona & Resnizky, 2007, p. 178).

Estas marcas que o traumatizam podem ser pensadas como um chamariz que dá sentido a uma denúncia mais profunda, uma impossibilidade na constituição mesma da subjetividade.

Ou seja, a condição gemelar apresentava um duplo atravessamento do traumático, era ao mesmo tempo causa do trauma e mascaramento do mesmo.

6.c A fraternidade gemelar como responsabilidade: um olhar psicanalítico

A responsabilidade nos resulta um conceito articulador para pensar as tramas fraternas em geral e as díadas de irmãos gêmeos em particular. Tentaremos dar conta

de sua importância na clínica psicanalítica sem esquecer o campo social. Não nos referimos à responsabilidade em um sentido valorativo nem moral, ainda que ela sempre remeta à ética.

Há pelo menos duas acepções do conceito de responsabilidade, a primeira se refere à pessoa que cuida ou presta atenção no que faz ou decide. É uma maneira de proceder. Outra acepção de responsabilidade aponta ao destino ocorrido a alguém ou algo outro como sujeito responsável.

“Ser responsável - segundo Ignácio Lewkowitz (2004 quoted in Puget p. 217)- é viver uma experiência, habitá-la em um espaço com outro, inventá-la: trata-se de operações do pensamento”. Janine Puget acrescenta: “É tomar a decisão de se configurar dentro de uma situação. A decisão não implica um a priori, algo prévio, senão que sucede e excede sempre a situação” (Puget, 2004, p. 217).

De nossa parte, pensamos que a responsabilidade do analista implica tanto a possibilidade de se situar desde uma perspectiva responsável como a de um proceder em consonância com isso. Ou seja, não trataria exclusivamente de “operações do pensamento”, mas também da possibilidade de se descobrir responsável e de uma ação. É a isso que entendemos que se refere Janine Puget, quando fala de tomar decisão.

Em virtude disso, nos interessou a distinção formulada por Ignacio Lewkowitz entre encarregar-se e fazer-se responsável. “Encarregar-se significa suportar as consequências, principalmente as negativas, de um empreendimento; enquanto que fazer-se responsável remete ao conjunto de operações que inventam ao sujeito capaz de habitar um empreendimento, seja este amoroso, vocacional, político ou financeiro e acrescento, terapêutico” (Lewkowitz, 2004).

Em linguagem coloquial, para nos referir à responsabilidade dizemos “encarregar-se”. A expressão “encarregar” enfatiza o peso da dimensão superegoíca. Não obstante, a responsabilidade fica ligada, em nossa opinião, à dimensão desejante. Não ao registro superegoíco. O percorrido pelas vinhetas clínicas 1 e 2, nos aproxima à pergunta pelas responsabilidades do analista. A necessidade de fazer um diagnóstico sobre que forma adota o traumático em cada sujeito, é nosso ponto de partida. O que é o alvo? O que fica em branco? Como cada sujeito enfrenta aquilo que não pode ser simbolizado? E principalmente, qual é a posição subjetiva desde a qual o sujeito foi afetado? Só então podemos pensar em estar disponíveis para ajudar o paciente a se reencontrar com sua complexidade, com seus destinos e sua dor. Os nutrientes próprios das traumas gemelares, as tensões entre o semelhante e o diferente introduziram, através do material da clínica, outra dimensão do conceito de responsabilidade.

Qual o destino do alheio na trama fraterna gemelar? Joaquim não pode se reconhecer nem em diferença nem na mesmice. O rosto, aquilo que é alvo, também parece ser o alvo onde põe em cena sua violência (ver figura 7). Com o rosto exposto, machucado, Joaquim se enfrenta com uma imagem especular a qual não reconhece como exterioridade. Não há neste caso delimitação que o negativize como sujeito.



Figura 7 - Musculoso e sem rosto.

Algo muito diferente aconteceu entre Gina e Mora, 4 anos, que na experiência da fraternidade fundaram leis de convivência. Com hospitalidade, comprometidas entre si, puderam encontrar no vínculo tanto a intimidade afetiva que necessitavam como suas respectivas possibilidades de discriminação.



Figura 8 - Suplementación fraterna - Moscona Sergio⁴.

Neste caso, o destino da trama fraterna não foi a alienação na especularidade. Estas meninas podem reconhecer a diferença no semelhante, respeitando o outro do outro de si sem se confundir.

⁴ Moscona Sergio: Obra do artista plástico, realizada para ilustrar o modo de se contactar das gêmeas durante a sessão.

Fraternizar a escuta é talvez um modo de evocar certa plasticidade operativa adicional, na criação de um dispositivo clínico quando a consulta vem acompanhada por um impacto traumático. Disponibilidade subjetiva para conter e flexibilidade na hora de delimitar o campo clínico, campo do jogo, quando ainda não compreendemos nada, são responsabilidade do analista.

A partir do que acabamos de expor, pode-se advertir que a responsabilidade, conceitualmente entendida, deve funcionar como uma bússola orientadora, como um eventual indicador diagnóstico e prognóstico.

Podemos falar de responsabilidade quando alguém se converte em produtor de subjetividade pela relação que inicia com o conflito. Descobrir-se responsável e proceder em consoância, implica trabalhar sobre o desafio, no caso do vínculo gemelar, de reconhecer ao outro como outro, em sua singularidade. Sua especificidade será a matéria prima do trabalho analítico. O trabalho sobre a discriminação será o que se deveria promover. Assim pensada, a subjetividade não seria autônoma, seria inicialmente para outro e não para si. “... a humanidade significaria uma rachadura ética da ontologia e uma superação da liberdade pela responsabilidade.(Levinas, p. 227)” O sujeito seria responsável pelo outro sem esperar reciprocidade. Esta responsabilidade “não pertence à consciência, não é a aplicação de uma reflexão atuante, sequer é um dever que se impõe desde fora ou desde o interior” (Levinas, p. 228) seja possível ou não fazer algo concreto com o outro.

Freud também foi taxativo quando sustentou que amar ao próximo como a si mesmo contraria a natureza humana original. “O próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho, sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para inflingir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo” (Freud, 1930, p.108). “Devido a esta hostilidade primária e recíproca dos seres humanos, a sociedade culta se encontra sob permanente ameaça de dissolução” (Freud, 1930, p. 108).

Desde o mito bíblico até as expressões contemporâneas do fratricídio, há um longo processo. Nele vão se costurando expressões de extermínio e aniquilação do próximo com reconhecimento, cuidado e responsabilidade pela vida dos outros. A responsabilidade arma a comunidade.

Torna-se importante apelar a uma responsabilidade compartilhada para pensar uma operação entre pares como construção de uma trama solidária. Uma perspectiva em paridade para tratar de reparar o tecido social machucado. Entendida deste modo, a responsabilidade seria fundadora. Opera como conceito ponte, entre o complexo do próximo e a aliança fraterna. No tratamento, se posicionar com responsabilidade implicaria a possibilidade de que o sujeito não apenas inclua o excluído, mas que também dê um sentido a ele.

Responsabilidade assim entendida é humanização. Projeção de horizontes, de confiança e esperança em relação a um futuro possível.

6.d) Agenciamento perverso da condição gemelar: Ivan e Sam

Também é possível fazer um uso perverso da condição gemelar. Assim era o caso de Ivan e Sam, irmãos gêmeos de 35 anos, que chegaram ao tratamento por consumo de cocaína e outras substâncias em doses altas. Apesar de maiores de idade foram levados à consulta por seus pais. Cada um tinha sua análise individual e uma terapia vincular. O pacto inconsciente que sustentavam era manter a unidade frente ao outro. Gerava neles um gozo especial confundir e enredar seu entorno impedindo a diferenciação de cada um. Professores, vizinhos, credores e até as respectivas namoradas eram sistematicamente enganados em estratégias destinadas a atuar de maneira indistinta. Havia nesse modo de se vincular uma busca desesperada de fusão e completude no outro. Mas seus comportamentos enganosos roçavam o delito porque se apoiavam em transgressões para obter benefícios ilegalmente. Exploravam sua semelhança extrema atentando contra a lei.

A indiscriminação simbiótica e o pensamento mágico onipotente eram predominantes tanto em seu pensamento, quanto em suas ações. Através de pactos corruptos, buscavam perpetuar e explorar psicopaticamente o estado fusional originário.

Chamamos esta variante gemelar de con-fusional. Segredos e alianças encapsulados, eram os recursos com os quais burlavam o limite e manipulavam o mundo externo. Nestes caso se faz evidente a exploração perversa que faziam de sua semelhança. Reforçavam a cumplicidade da díade às custas de terceiros danificados pelos acordos secretos que cotidianamente colocavam em funcionamento.

A maneira de produzir diferença ou novidade é através da aceitação responsável da existência da alteridade. E. Levinas (2000) define a responsabilidade para com o outro “como a estrutura essencial primeira, fundamental, da subjetividade (p.79)” que põe fim ao rumor anônimo e insensato do ser. Ao descrever a subjetividade em termos éticos, afirma que “ser homem equivale a não ser; viver humanamente significa se desviver pelo outro” (p.15).

O vínculo de Sam e Ivan apresentava à equipe responsável pelos casos um desafio ético pela tensão conflituosa entre necessidades e/ou exigências individuais de ambos e as que surgem pelo pertencimento a um conjunto.

7. OUTRAS CONFIGURAÇÕES GEMELARES

7.a A gemelaridade simbiótica à serviço da sobrevivência

No fim do ano de 2017, o fotógrafo Ignacio Coló, expôs com extraordinária lucidez uma composição fotográfica que retrata a vida de Eduardo e Miguel.

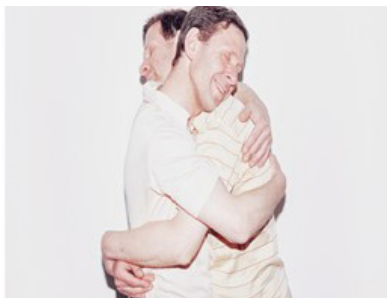


Figura 9 – Abraço fraterno.

Com este texto, Coló apresentou sua mostra:

IGNACIO COLO

Soy Yo, Eduardo Y Miguel

Eduardo y Miguel son dos hermanos gemelos de 49 años de Buenos Aires, Argentina. Viven juntos, nunca se separaron desde que nacieron y hoy están solos en el mundo.

Su familia se fue muriendo con el tiempo: sus padres murieron, su único hermano también, así como sus tíos. Tampoco tienen amigos cercanos.

Los dos tienen un leve retraso madurativo, lo cual los hace más vulnerables y más unidos también.

Hacen todo solos. Pero nunca están solos, porque se tienen el uno al otro.

La única contención que tienen, la última red, es la colectividad judía, que les da trabajo y los ayuda materialmente y en cierta medida también afectivamente.

Pero en definitiva su principal sostén es el amor del uno por el otro y esa simbiosis propia de los hermanos gemelos. Entre los dos forman su único refugio, construido sobre el amor, la soledad y la vulnerabilidad.



Figura 10 – Um mesmo guarda-chuva

Algumas poucas imagens são suficiente para dar conta desta história de vida. Sob um mesmo guarda-chuva, envolvidos por um abraço que contém, acompanhados em seu desamparo familiar e limitados por certa precariedade maturativa, Eduardo e Miguel se valeram se sua condição gemelar para seguir adiante.



Figura 11 – Fidelidade: 2 em 1.

Suas cabeças, seus caminhos, seus destinos selados num pacto de fidelidade incondicional, os legitimaram e fizeram deles uma “marca registrada”. O encontro com esta mostra fotográfica me impactou em muitos sentidos. Uma história de vida que evocou algumas ideias da filosofia de Gilbert Simondon, filósofo francês que tem um pensamento tão interessante quanto complexo. É um pensador que transcendendo o território do sujeito, propôs pensar os processos de subjetivação humana em seu devenir e co-devenir com os demais seres vivos.

Simondon (2013) sustenta que nos individualizamos sempre em situações e em relação com outros. Me detenho em algumas de suas conceitualizações, pela vitalidade das imagens que unem figurativamente o devenir de um vínculo gemelar.

A vida psíquica para Simondon não pode se resolver de maneira intraindividual. E sustenta principalmente que não há estados afetivos, mas trocas afetivas. Para Simondon (2013): os processos de individualização são coletivos e se controem na imanência do encontro com o outro. Nunca, dirá Simondon, terminamos de nos individualizar. O ser é de entrada “potência de mutação”, contém energia potencial, tem sempre reserva para seguir devindo, enfatizando portanto a potência e o excesso, não a falta. O inconsciente é uma multiplicidade da forças, não há ali nenhuma cena. Há forças para investir o mundo. Coincido com Julio Moreno (2018) quando este afirma que o inconsciente, assim entendido, mais que um reservatório a revelar, é como uma usina que produz efeitos que, depois que se manifestam, podemos interpretar.”

Simondon (2013) concebe tudo o que existe como um desdobramento incessante da natureza. Não se limita a introduzir a postulação de uma certa interação do ser vivo com o em torno; o indivíduo não é simplesmente situado em um em torno que já estava aí previamente à individualização, se não que é necessário entender indivíduo e meio associado como uma co-criação simultânea.

O envolvimento da natureza não nos é alheio. Somos portadores de potência de mutação, de energia e força vital para investir o mundo. Essa potência é um excesso e o devenir é permanente e sempre com outros. O devenir supõe relações em movimento que se transformam permanentemente. Possivelmente no caso de Eduardo e Miguel, esse devenir fusional constituiu sua força para investir a vida.

Assim os retratou Coló, tranzados nesse abraço entranhável, internados num mar que ainda em sua imensidade os deixa ver dois feitos um, a favor da subsistência e do suporte recíproco.

7.b O irmão morto, um duplo que sobrevive

Um amplo leque de distintas configurações vinculares fraternas se abre “desde o impulso fusional ao ódio fratricida (Assoun, 1998)”. Um relato breve de Rafael Novoa (2002) nos serve como ilustração eloquente:

“Nunca perdoei a meu irmão gêmeo que me abandonou durante sete minutos na barriga da nossa mãe, e que me deixou ali, sozinho, aterrorizado na obscuridade, flutuando como um astronauta naquele líquido viscoso, e ouvindo ao outro lado, como o beijavam⁵”.

Foram os sete minutos mais longos da minha vida, e os que de brinde determinariam que meu irmão fosse o primogênito e o favorito da mamãe. Desde então saía antes que o Pablo de todos os lugares: do quarto, da casa, do colégio, da missa, do cinema – ainda que isso me custasse o final do filme. Um dia me distraí e meu irmão saiu antes de mim pra rua, e enquanto olhava com aquele sorriso adorável, um carro o pegou em cheio.

Lembro da minha mãe, ao escutar o golpe, saiu de casa e passou diante de mim correndo e gritando meu nome, com os braços estendidos na direção do cadáver de meu irmão. Eu nunca a corrigi do engano (Novoa, 2002).

Fracassos na constituição tanto do Eu quanto do vínculo entre irmãos pode nos levar a pensar em uma estruturação traumática da subjetividade. Salvador Dalí fez confissões autobiográficas cuas a respeito da dor de haver sido precedido por um irmão morto, também chamado Salvador. “Vivi a morte antes de viver a vida. Meu irmão morreu por causa de uma meningite, aos sete anos. Minha mãe se transtornou. Sua morte foi um golpe terrível do qual nunca se recuperou” (Dalí, 1976, p.12). Nasci duplo, com um irmão a mais ao qual tive que matar para ocupar meu próprio lugar”. Ou seja, não há réplica nem substituição possível” (p.47).

Nasci, como todos, no horror, no sofrimento e no estupor. Se retiro brutalmente minhas duas mãos e abro os olhos à luz violenta, revivo de repente uma pequena parte do choque que, na asfixia, no afogamento, na cegueira, nos gritos, no sangue e no medo, marcou o acontecimento da minha chegada ao mundo.

⁵ <https://narrativabreve.com/2014/09/microrrelato-de-rafael-novoa-mi-hermano-html>

“Este irmão morto foi o primeiro demônio daliniano. Meu irmão havia vivido sete anos. Considero-o como um ensaio de mim mesmo, uma espécie de gênio levado à máxima potência. Seu cérebro se queimou como um circuito elétrico sobrecarregado por uma incrível precocidade. Não foi por acaso que se chamasse Salvador, como meu pai, Salvador Dalí i Cusí, e como eu. Ele era o bem amado: a mim, fui demasiadamente amado.

“Ao nascer coloquei os pés sobre as pegadas de um morto a quem adoravam e ao qual, através de mim, continuavam amando e talvez ainda mais. Este excesso de amor foi uma ferida narcísica que me inflingiu meu pai desde o dia do meu nascimento e que eu pressentia já no ventre de minha mãe. Graças à paranóia, quero dizer, à exaltação orgulhosa de mim mesmo, consegui me salvar da anulação que me produz a dúvida sistemática sobre minha pessoa. Aprendi a viver enchendo, com meu amor por mim mesmo, o vazio de um afeto que não me davam. Assim venci pela primeira vez a morte: mediante orgulho e narcisismo” (p.48).

Van Gogh também ficou louco pela presença de um irmão, um duplo, morto ao seu lado e também chamado Vincent. Em seus anos de escola, o futuro artista passava todas as manhãs e tardes em frente ao cemitério onde lia seu próprio nome em uma sepultura.

Estas histórias aqui sinteticamente relatadas das biografias de artistas e escritores, são expressões que na travessia das análises se fazem ouvir com muito sofrimento.

7.c Gemelaridade sublimada

O destino sublimatório da condição gemelar tem numerosos expoentes no terreno artístico. As irmãs Sanchez, atletas olímpicas de nado sincronizado, constituem um exemplo disso.

Os desdobramentos criativos destes parecidos produzem um verdadeiro impacto estético. Pares, simétricas, iguais, assim transcorria o espetáculo aquático que as gêmeas Sanchez fizeram no nado sincronizado durante os jogos olímpicos em Londres.



Figura 12 - Gêmeas sincronizadas.

7.d Gemelaridade ficcional

Dostoyevski escreveu sua obra “O duplo” em 1846. Nessa trama, Goliadkin, funcionário disciplinado, entra um dia em contato com um homem que é idêntico a ele. Inicialmente ganha sua amizade, trabalham juntos em seu departamento, mas em seguida esse duplo começa a lhe complicar com seus superiores, a comprometer Goliadkin e finalmente a provocar sua queda em desgraça.

Para mencionar alguns outros exemplos da literatura, José Saramago criou “O homem duplicado” (2002) a partir do desconcerto de um espectador desprevenido que percebe que na tela do cinema há um personagem idêntico a si mesmo. Exasperado, passa a dedicar-se a buscar por seu duplo.

O cinema, por sua vez, destacou na tela muitos filmes contando histórias gemelares muito diversas. Há estudos psicanalíticos muito interessantes em torno destas histórias, como por exemplo a análise de E. Braier sobre o filme Gêmeos – Mórbida semelhança, que conta a história de dois irmãos médicos que tinham como pacto entre eles estar sempre juntos: se um morre, o outro morre.

Cuidado com as gêmeas, O amante duplo e vários outros filmes, comédias e novelas inspiraram seus roteiros em torno destas intrincadas histórias vinculares.

Outra forma de gemelaridade ficcional é o misterioso amigo imaginário, este inquilino invisível que criam algumas crianças em sua fantasia, e que constroem em geral, a sua imagem e semelhança.

7.e Gemelaridade manipulada

O processo de clonagem humana, ficcional até pouco tempo, é um novo e poderoso invento gemelar. Nele colapsam os vínculos de filiação, consanguinidade, parentalidade. A clonagem, paradigma da manipulação genética, despertou profundas inquietudes e preocupações éticas. Esta é uma forma velada e pouco promissora de gemelaridade. Réplicas, clones, duplos, cópias fiéis não substituem o original. Se predomina a uniformidade às custas da diversidade, se perde a riqueza dos matizes, dos contrastes e das divergências.

O contexto atual deu um novo empurrão ao tema, tanto através das novas tecnologias reprodutivas como novas variantes de transformação de gênero.

“Teremos barba e bigodes como papai”

Lucas e Mateo são dois irmãos gêmeos de 29 anos. Ambos são transexuais desde o ano de 2015. Nasceram meninas, mas relatam haver se sentidos meninos desde muito pequenos. São idênticos, “duas gotas de água”, difíceis de distinguir para quem não os conhece. Estudaram Recursos Humanos em Málaga, e se graduaram juntos; criaram um canal de youtube chamado “Twin brothers”⁶.

⁶ Youtube: Twin brothers: Conscientes do que os aguardava, os irmãos decidiram gravar um vídeo em seu último dia como meninas, para normalizar sua história e compartilhar sua experiência.

Ambos insistiam na estranheza que experimentavam sendo mulheres, sentiam habitar um corpo equivocado. Curiosamente na adolescência optaram ambas, simultaneamente, por uma identidade de gênero diferente mas mantendo a semelhança gemelar.

“Nunca o verbalizamos, sabíamos que éramos iguais, era um fato”, relata Mateo, para se referir à decisão de empreender a transição à transexualidade. Aos 23 anos Lucía e Natalia realizaram sua decisão e fizeram um tratamento e, posteriormente, uma intervenção cirúrgica para mudar de gênero.

Aqui surge uma pergunta: Como jogaram as tensões entre o semelhante, o diferente e o estranho neste binômio gemelar?

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação que habita no imaginário coletivo em torno da gemelaridade se apoia sobre o impacto que produzem as semelhanças. Aqui, por outro lado, nos focamos nesse “entre dois” que vai se armando no devir gemelar. E encontramos tantos vínculos que se veem fortemente interferidos pelo fantasma de conviver com um duplo, como outras apresentações nas quais os processos de subjetivação não se veem obstaculizados.

Percorremos neste ensaio uma multiplicidade de modos de agenciamento gemelar. Tentamos enfatizar como os processos de subjetivação se controem na imanência do encontro com o outro. Nesse “entre dois” que apresenta o devir gemelar as possibilidades de transformação são múltiplas e permanentes.

F. Nadaud (2017) enfatiza em seu estudo sobre os processos de subjetivação que “o conceito de agenciamento se compreende apenas à luz do conceito de coletivo. [...] Apenas pode haver agenciamento – dirá este autor- se há multiplicidade (p.59)”.

Quando as singularidades no vínculo são reconhecidas e aceitas há lugar para a alteridade e hospitalidade. Ali as diferenças se deixam ver, têm lugar. Ou seja, que quando a constelação fraterna se apoia sobre a interdependência podemos falar de gemelaridades suplementárias.

Porém ocorre que a subjetividade contemporânea vive tensionada em uma cultura que nos faz acreditar que é possível ser único, enquanto busca homogeneidade, mascarando, desestimando e até negando as diferenças. Réplicas, duplicatas, cópias fiéis exacerbam a uniformidade às custas da diversidade. Dilui-se aí a riqueza própria dos matizes, dos contrastes e das divergências.

“O reconhecimento de si mesmo – dirá Clément Rosset (1996)- que já implica um paradoxo, implica também, por necessidade, um exorcismo: O exorcismo do duplo que coloca um obstáculo à existência do único e exige que este não seja apenas ele

mesmo e nada mais (p.87)”. “Sabe-se que o espetáculo do desdobramento da personalidade no próximo é uma experiência com um efeito terrorífico garantido. Achávamos ter o original, mas diante de nossos olhos havia um duplo enganador e tranquilizador (p.87)”.

Quando os gêmeos idênticos acentuam as semelhanças reforçando a indiferenciação provocam no espectador a ideia de estar diante mais de um duplo, que do reconhecimento do outro. O desafio do em torno para evitar confundi-los, consiste em descobrir aquele traço que os singulariza. E nem sempre há uma pinta que nos salve. No campinho de futebol onde se juntava um grupo de amigos púberes para jogar bola, era frequente escutar algum deles vociferar: “Que os gêmeos joguem para o mesmo time. Se não perdemos tempo nos passes até saber quem é quem”.

Descrevemos desdobramentos criativos destes semelhantes extremos que produzem um verdadeiro impacto estético. A condição gemelar tem expressões no terreno artístico e literário que dão conta da força com a qual nos impactam subjetivamente.

A clínica psicanalítica, como testemunham as vinhetas clínicas, nos deram a oportunidade de explorar nestas tramas fraternas uma grande diversidade de usos e efeitos subjetivos ligados a como operam as tensões entre as semelhanças e as diferenças na configuração gemelar. Mais uma vez, em cada encontro precoce de irmãos gêmeos se começa a construir um modo singular de conviver em plural.

Apenas a aposta no contexto vincular de cada história pode jogar alguma luz sobre um fenômeno tão apaixonante e complexo como a gemelaridade.

Referências

Assoun, P-L. (1998). *Lecciones psicoanalíticas sobre hermanos y hermanas*. Editorial nueva Visión.

Baranger, M., Baranger W., & Mom, J. (1987). El trauma psíquico infantil, de nosotros a Freud, *Revista APA*, XLIV, 4, 745-774.

Berenstein, I. (2001). *El sujeto y el otro. De la ausencia a la presencia*. Ediciones Paidós.

Combes, M. (2013). *Simondon: una filosofía de lo transindividual*. Editorial Cáctus.

Czernikowski E., Gaspari R., Matus S., & Moscona S. (2003). *Entre Hermanos. Sentidos y efectos del vínculo fraterno*. Lugar Editorial.

Czernikowski, E., Gaspari, R., & Matus, S. (2003). *Cuando los padres son un imposible* Lugar Editorial.

Dostoyevski, F. M. (1985). *El doble*. Alianza Editorial.

- Droeven, J. (2009). *¿Te acordás hermano? Figuras de lo fraterno*. Editorial Biblos.
- Droeven, J. (2002). Lo fraterno-fraterno, modelización para armar. En J. Droeven, *Sangre o elección, construcción fraterna* (p-19). Libros del Zorzal.
- Freud, S. (1895). *Proyecto de psicología*. Tomo I. Amorrortu.
- Freud, S. (1950 [1892-99]). *Sigmund Freud. Cartas a Wilhelm Fliess*. T. I (O.C.) Ed. Amorrortu.
- Freud, S. (1921). *Psicología de las Masas y Análisis del yo*, Tomo XVIII. Amorrortu.
- Freud, S. (1919). *Lo ominoso*. Tomo XVII. Amorrortu.
- Freud, S. (1930). *El malestar en la cultura*. Tomo XXI, Amorrortu.
- Freud, S. (1916). *Lecciones de Introducción al Psicoanálisis*. Tomo X, Amorrortu.
- Freud, S. (1922). *Sobre algunos mecanismos neuróticos en los celos, la paranoia y la homosexualidad*. Tomo XVIII, Amorrortu.
- Kancyper, L. (2003). *Jorge Luis Borges o la pasión de la amistad. Estudio psicoanalítico*. Grupo Editorial Lumen.
- Kancyper, L. (2004). *El complejo fraterno. Estudio psicoanalítico*. Grupo Editorial Lumen.
- Mauer, S., Moscona, S., & Resnizky, S. (2003). *El concepto de conflicto psíquico: en torno a su irrelevancia creciente*, Trabajo presentado en el Simposio de ApdeBA.
- Lacan, J. (1986). *Seminario 7. La ética del psicoanálisis*. Ediciones Paidós.
- Lacan J. (1938). *La familia*. Editorial Argonauta.
- Laplanche, J. (1987). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: La seducción originaria*. Amorrortu.
- Levinas, E. (1985). *Totalidad e infinito Ensayo sobre la exterioridad*. Ediciones Sígueme.
- Liberman, A. (1990). *Freud el judío que regresó de Egipto*. Atalena Editores.
- Matus S. (2003). Vínculo fraterno: de la legalidad paterna a la multiplicidad de legalidades. In E. Berlfein, E. Czernikowski, R. Gaspari, S. Gomel, S. Matus & S. Moscona (Eds.), *Entre Hermanos. Sentidos y efectos del vínculo fraterno* (9-46). Lugar Editorial.
- Mauer, S., Moscona, S. & Resnizky S. (2002). *Psicoanalistas, un autorretrato imposible*. Lugar Editorial.

Mauer, S., Moscona, S. & Resnizky, S. (2014). *Dispositivos Clínicos en Psicoanálisis*. Editorial Letra Viva.

Mauer, S., & May, N. (2010). *Jugando con el filo de la navaja*; Revista Topía, Locuras actuales XX, 58,

Moreno, J. (2002). *Ser humano*. Letra Viva.

Moreno, J. (2018). *El análisis en clave vincular*. Jornadas UBA: Los caminos de la terapia psicoanalítica, Buenos Aires.

Moscona S. (2003). Lazos de paridad. La trama vincular en la relación entre pares. In E. Berlfein, E. Czernikowski, R. Gaspari, S. Gomel, S. Matus & S. Moscona (Eds.), *Entre Hermanos. Sentidos y efectos del vínculo fraterno* (189-227). Lugar Editorial.

Nadaud, S. (2017). *Fragmentos subjetivos*. Editorial Cactus.

Novoa, R. (2002). *Relato ganhador do X Prêmio Internacional de Relato Hiperbreve 2002 do Circulo Cultural Faroni*.

Pontalis, J-B. (2006). *Frère du précédent*. Gallimard.

Puget, J. (2013). Contribución acerca de “Las realidades del Psicoanálisis” *Simpósio Associação Psicoanalítica de Buenos Aires*.

Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis. Incertidumbre y certezas*. Editorial Lugar.

Rabinovich, D. (1990). *El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica*, Manantial.

Rosset, C. (1996). *Lo real y su doble*. Tusquets.

Saramago, J. (2002). *El hombre duplicado. Crónica de un caos identitario*. Alfaguara.

Soler, C. (1988). *Estudios sobre psicosis*. Manantial.

Spivacow, M. (2005). *Clínica psicoanalítica con parejas*. Editorial. Lugar.